

Meditação

Tiago 1,22: Sede cumpridores da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.

Conhecemos a palavra do Velho Testamento: Não voltará para mim vazia a minha palavra, diz o Senhor; mas ela fará o que me agrada, e executará, para que eu a envieí.

E o nosso Senhor Jesús Cristo comparou a palavra de Deus com o grão de semente que é entregue à terra, e do qual se espera que ele cresça e produza fruto.

Assim Deus quer que a sua palavra, com a qual Ele fala a nós, nos alcance, nos atinja, que seja aceita por nós e que produza fruto. E se perguntamos, qual o fruto que Deus espera dirigindo a nós a sua palavra, devemos lembrar-nos, o que seria, se Deus não dirigisse a nós a sua palavra, qual então seria a nossa situação: sem a palavra, nós nada saberíamos de Deus; mas nada saberíamos também sobre a origem e o destino de nossa vida; seríamos então de fato viandantes pelo escuro, que não sabem donde vem nem para onde vão; a nossa vida seria então somente essa peregrinação aqui na terra, na qual em vão procuraríamos um maior sentido; teríamos, com certeza, de vez em quando um sentimento, de que deve ainda haver uma outra realidade, e de que nós dependemos dela, mas nada saberíamos, e mesmo se déssemos a essa outra realidade, que às vezes sentimos, o nome Deus, seria um Deus, que não conhecemos, um Deus que permaneceu no silêncio, um Deus, do qual estamos irremediavelmente separados.

Assim seria, se Deus não falasse a nós, uma situação de tristeza e desespero, sem luz e esperança alguma. Mas agora, Deus não permaneceu no silêncio. «Tendo falado antigamente muitas vezes e de modos diversos aos pais pelos profetas, Deus nestes últimos dias falou a nós por meio de seu Filho», assim começa um dos livros do Novo Testamento, a Epístola aos Hebréus. Deus falou — esse fato é a base de toda a religião cristã; Deus dirige a sua palavra a nós homens — essa é a razão do ser da igreja cristã. Por ter Deus falado — e agora pensamos principalmente na sua última palavra, que Ele falou a nós em seu Filho Jesús Cristo — por ter Deus falado essa palavra, por isso sabemos, o que de nós mesmos não poderíamos saber: que esta nossa vida tem um Senhor ao qual pertence; sabemos donde viemos e para onde vamos; que não andamos no escuro, porque mesmo quando nós não sabemos o caminho, Ele o conhece bem; e esse Deus e Senhor, do qual tudo depende, é o nosso Pai, que tem pensamentos paternos conosco, e nós somos seus filhos, que podem dirigir-se a Ele com toda a confiança e trazer-lhe tudo que os torna alegres, mas também tudo que os preocupa, e também a nossa culpa e a nossa aflicção e tudo que nos causa dor, e podemos estar certos, de que nem o presente nem o futuro, nem a vida nem a morte, nem cousa alguma nos pode separar do amor de Deus nosso Pai.

Isso é que nós sabemos — ou podemos saber — unicamente porque Deus fala também a nós por sua palavra. E, se agora novamente perguntamos, qual é o fruto que Deus de nós espera, dirigindo a nós a sua palavra: eu creio, que em primeiro lugar Deus procura em nossos corações uma grande alegria e gratidão pelo fato de ter Ele falado a nós; alegria e gratidão por ser verdade tudo isso também de nós e para nós. Será que Deus em nós e em nossa vida encontrará esse fruto: alegria e gratidão por sua palavra?

É conhecida a crítica de um grande adversário do cristianismo, que disse: *mais alegres deviam-me* aparecer os cristãos, *mais salvos!* De fato, essa crítica acerta uma realidade. A palavra «alegria» ocupa um lugar predominante no Novo Testamento. Quantas vezes lá encontramos o imperativo: *Regosijai-vos!* *Sede alegres!* E já na primeira vez, que é anunciado o evangelho neste mundo, na noite mesmo do nascimento do Salvador, essa mensagem é chamada a grande alegria que caberá a todos os povos. Tanto que poderíamos dizer, que, ser cristão significa ser alegre. — E agora não pode haver dúvida de que essa alegria, essa gratidão falta na vida de muitos cristãos, talvez também em nossa vida. Se essa alegria falta, será que nós não temos ouvido a palavra de Deus, ou que não a ouvimos direito?

A palavra que hoje nos é dita, do apóstolo Tiago, nos adverte: *Sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.* Pode, portanto, acontecer isto: pode-se ouvir a palavra de Deus, e sempre de novo ouvi-la, sem que ela nos ajude alguma coisa, sem que a nossa vida obtenha aquela alegre confiança e certeza que é chamada fé, que nos torna humildes na felicidade e consolados na tribulação, a confiança que nos torna certos do amor paterno de Deus, que por Jesús Cristo nos perdoa toda a nossa culpa. Pode-se ouvir a palavra de Deus e até concordar com ela, que ela tem razão e que tudo é assim como ela diz, e no entanto em nós e em nossa vida tudo fica como estava. E, apesar de termos tantas vezes ouvido a palavra, não queremos deixar-nos consolar quando vem a aflição.

E então se mostra que na verdade não ouvimos direito a palavra de Deus, ou se a ouvimos deixámos de cumpri-la. Porque, onde ela é ouvida, lá se muda alguma coisa, lá nada fica assim como estava.

Estes dias me disse alguém que se considera como amigo da igreja: porque os pastores na igreja só falam sobre a bíblia, que já é tão conhecida; porque não falam sobre assuntos atuais, o que seria muito mais interessante? Sim, porque não? porque não se trata de ouvirmos o que a nós interessa ou não, mas de ouvirmos o que Deus nos tem a dizer. E isso, só Ele mesmo nos pode dizer, sempre de novo. E se nós julgamos, que já conhecemos tudo isso, que a palavra de Deus nos tem a dizer, então estamos muito enganados. Porque a palavra de Deus é palavra viva, que não se pode ouvir de uma vez para todas; não podemos guardá-la para

amanhã ou depois; porque Deus em cada situação quer ser o nosso Senhor; e nós não sabemos de antemão o que Ele nos vai dizer amanhã. Por isso a nossa situação perante a palavra de Deus sempre é semelhante à situação de um acusado que no tribunal espera da boca do juiz a palavra que vai decidir sobre ele e seu destino.

Sede cumpridores da palavra, e não apenas ouvintes: cumprir a palavra não quer dizer em primeiro lugar, que nós temos que fazer alguma coisa, praticar boas obras, começar de qualquer forma a ser ativos. Cumprir a palavra significa em primeiro lugar: ouvi-la direito, sabendo que é a palavra, que nós não nos podemos dizer sôzinhos, a palavra, da qual depende para nós vida ou morte, porque é a palavra do Senhor, que não pode voltar para ele vazia, mas em todo o caso terá efeito, ou para o nosso bem ou para o nosso mal.

Deus fala a nós. E Deus quer que a sua palavra traga frutos em nós e nossa vida. Ouçamos a palavra assim, que ela possa trazer os frutos que Deus procura: alegria e gratidão, e por isso: amor e caridade.

E se sentimos, que não ouvimos bem ainda, e confessamos, que somos pobres em frutos, Jesús Cristo nos diz: Pouco tendes, porque pouco pedis; pedi — e vos será dado, e tereis em abundância.

P. Schlieper

Kyrios Christos.

Ein urchristliches Bekenntnis.

Die bekannten Glaubensbekenntnisse der Christenheit wie das Apostolikum oder das Nicaeno-Constantinopolitanum haben ihre heutige amtliche Form nach einem langen symbolgeschichtlichen Entwicklungsgang im vierten oder fünften Jahrhundert erhalten, ihr theologischer Gedankengehalt aber reicht zurück bis in die urkirchliche Zeit und hat seinen Quellort in dem formelhaften Glaubensgut des Neuen Testaments. Selbst dem Nichttheologen werden beim Lesen seiner Lutherbibel hymnenartige Stellen in den paulinischen Briefen oder der Johanneßoffenbarung auffallen, die ihn durch ihre feierliche rhythmische Sprache und den gehobenen Stil an einen Liedervers seines Gesangbuches erinnern (3. B. 1. Tim. 3, 16, Phil. 2, 6f). Tatsächlich hatten diese bekenntnismäßigen Formulierungen, wie die altkirchliche Symbolforschung erwiesen hat (E. Stauffer), ähnlich unserem Gemeindegesang ihre bestimmte Stelle, ihren „Sitz im Leben“ innerhalb der urchristlichen Gemeindeliturgie. Ihre Bedeutung ist somit klar: Sie brachten in Form einer Dogologie die entscheidenden Heilstatsachen des christlichen Glaubens zum Ausdruck. Die überwiegende Mehrheit derartiger bekenntnisthaften Glaubensformeln haben nicht den Gottesgedanken oder die Ekklesiologie zum Inhalt, sondern die Mitte, um die ihre theologischen Aussagen kreisen, ist das Christusereignis, wie es in erweiterter Form heute noch im 2. Artikel des Apostolischen Glau-